

SIEEESP/FACOM

**Minha relação com a Matemática antes e depois das oficinas de Diagnóstico e
Intervenção na matemática**

Laura Aires Ferreira de Oliveira

Pós-graduação em Psicopedagogia & Neuropsicopedagogia
Clínica e Institucional Sistêmica

Abril/ 2017

No período escolar sempre tive uma ótima relação com a matemática, sendo uma das disciplinas que mais gostava e apresentava facilidade de aprendizado. Obtinha boas notas e os amigos da classe frequentemente me rodeavam, solicitando ajuda na resolução das atividades ou para comparar os resultados (Minha mãe até foi chamada da escola, pois o professor ficava bronqueado pelo fato dos alunos não o procurarem para esclarecer suas dúvidas, mas recorrerem a mim.) Ele disse a ela que as crianças faziam “igrejinha” em volta da minha carteira.

Em minha vida a matemática sempre esteve muito presente, pelo fato de meus pais serem comerciantes, donos de uma lanchonete e fazerem questão que os filhos os ajudassem a tocar o comércio, exigindo que cada um dos filhos dedicasse uma parte do tempo por dia a acompanhá-lo no comércio colaborando com pequenas, mas importantes tarefas. Minha mãe fazia todos os lanches servidos no balcão e eu e minha irmã além de ajudarmos a empanar os salgados, tínhamos o dever de contar as unidades e dizer a ela quantas dúzias tínhamos feitos, pois os lanches eram fritos sempre por dúzias, quantidade máxima da bandeja da estufa. Éramos também responsáveis pelo registro nas papeletas do consumo dos clientes, do fechamento (soma) das contas do cliente e devolutiva do troco nos pagamentos. Além disso, também registrávamos as despesas da casa (pagamento das mercadorias recebidas pelos fornecedores) no dia e as retiradas do caixa, para que ao final do dia pudéssemos saber o saldo do comércio.

Estas atividades exercitaram e ensinaram-me na prática diversos conceitos trabalhados na escola (como soma, subtração, equivalência, comparação, números positivos e negativos), visto que havia dias em que as compras superavam os lucros. Ao que meu pai dizia, “hoje fechamos no vermelho! Tivemos mais gastos do que lucro!”. Ao final do mês fazíamos a leitura das papeletas diárias para que meu pai registrasse no livro e fizesse os cálculos do mês verificando se o saldo foi positivo ou negativo. Meu pai fazia questão de nos mostrar esses resultados e insistia no quanto era importante sabermos “a quantas andava o negócio da família!”.

Após a participação nas atividades e oficinas do Curso de Pós Graduação em Neuropsicopedagogia, esta relação com a matemática só melhorou, pois conceitos que anteriormente foram memorizados, sem a real compreensão do motivo, puderam ser esclarecidos (como no caso da regra de sinais) e sua lógica assimilada e compreendida.

Tive então, a certeza de que se no período escolar em que estudei a matemática tivesse sido apresentada da mesma forma (metodologia e estratégias utilizados nesta oficina), todos os colegas que acompanhei e ajudei, como citado inicialmente, por apresentarem dificuldades nas atividades matemáticas e que demonstravam um comportamento inibitório (travado) e um bloqueio no aprendizado, só pelo fato de ouvirem falar que a próxima aula seria de matemática, com certeza teriam outra relação com a matemática, que não essa de aversão.

Nas oficinas, foi possível perceber como os jogos podem auxiliar tanto na introdução quanto no amadurecimento e também como podem possibilitar o aprimoramento dos conteúdos já internalizados. A oficina também evidenciou o quanto o fato de propiciar discussões e análises a respeito dos processos das soluções e dos caminhos percorridos,

através dos registros das jogadas, concretizam conceitos que nos foram apresentados de forma abstrata ou desvinculados do cotidiano (da prática).

Pude também relacionar isto com as atividades realizadas no comércio da família, percebendo como elas tiveram um impacto importante na minha relação com a matemática trazendo a concretude de alguns conceitos, pois se relacionavam a prática ou meu cotidiano. Vivências estas que, diante de uma questão, com certeza eram resgatadas facilmente e facilitavam a compreensão de conceitos e a tomada de decisão na resolução das mesmas.

A oficina também propiciou uma reflexão sobre minha atuação profissional (Coordenadora Pedagógica) fazendo-me perceber como é importante solicitar que a equipe de educadores que coordeno atente para a forma como apresentam um conteúdo para seus alunos, planejando cuidadosamente sua execução, levando em consideração as diversas formas de aprender dos alunos, dando especial atenção ao planejamento das atividades, elaboração e montagem do material a ser utilizado, pois somente assim os alunos conseguirão estabelecer uma relação saudável com o aprendizado e tirar o máximo proveito desta troca de experiências e conhecimentos. Cuidados pertinentes também à formação e atuação do Psicopedagogo.

Outra questão importante foi o fato de que através dos jogos propostos nas oficinas, pudemos desenvolver e aprimorar a concentração, a organização, a atenção, o raciocínio lógico-dedutivo, a socialização e trabalhar os bloqueios que por ventura alguns de nós (alunos) carregávamos, além de nos depararmos com situações que exigiram reflexão, investigação, empenho e possibilitaram, através da análise dos registros que fizemos durante os jogos, analisar, construir, desenvolver e rever conceitos, expor e discutir ideias, negociar significados e organizar conhecimentos, melhorando portanto a autoconfiança, o autoconhecimento e o conhecimento do outro, permitindo-nos uma melhor compreensão do próprio modo de pensar.

Os jogos criaram situações desafiadoras que estimularam a criatividade, geraram um ambiente motivador, permitiram além de defender pontos de vistas e ser mais crítico e confiante em relação a si mesmo, acompanhar a jogada dos outros e constatar que durante as jogadas uma hipótese era formulada mas não era a única resposta, pois outros participantes utilizaram outras hipóteses, possibilitando assim a comparação e análise de qual foi a melhor opção para aquela questão. Tudo isso em um ambiente prazeroso, motivador, facilitador da aprendizagem, que elucidou e tornou o aprendizado muito mais significativo.

Neste processo de aprendizagem através dos questionamentos feitos pela professora, fizemos análises, buscamos e fomos construtores do nosso saber, processo que fez minha afeição e encantamento pela matemática melhorarem ainda mais. Saí da oficina me perguntando: Por que os professores não ensinam matemática desta forma? O que posso fazer para que a equipe de professores, com os quais trabalho, possa colocar isto em prática? Indagações que com certeza resultarão em crescimento pessoal e profissional.